

PALCOS E CIRCOS

"TEATRO BRASILEIRO"

Um dos mais prementes problemas do teatro brasileiro é a formação de uma consciência nacional. Temos núcleos teatrais importantes no Rio, São Paulo, Recife, e outros começam a surgir e a se desenvolver, em Porto Alegre, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador, Natal. Somente quem, como nós, recebe e lê críticas e notícias de outros Estados, pode ter idéia de como vai se alastrando rapidamente o gosto pelo teatro, e pela discussões estéticas relacionadas com o seu desenvolvimento, por todo o País. Mas esse esforço, em geral, é feito isoladamente, sem repercutir, cada cidade ignorando o que se passa nas cidades vizinhas. Falta ao nosso teatro, em outras palavras, comunicação, troca recíproca de opiniões e pontos de vista, diálogo entre as pessoas interessadas no mesmo fim.

Essa é, precisamente, a função e objetivo da revista "Teatro Brasileiro", cujo primeiro número acaba de ser posto à venda. O seu mérito inicial está na qualidade de suas críticas, serias e profundas sem serem herméticas, sem se dirigirem a um pequeno grupo de iniciados. "Teatro Brasileiro", neste ponto, não poderia ter sido mais feliz: descobriu um excelente crítico em João Bethencourt, o encenador de "Nossa Cidade", e teve a sabedoria de fazer voltar Sabato Magaldi à atividade, recuperando, por assim dizer, um elemento imprescindível à nossa crítica. "Teatro Brasileiro" publica ainda notas sobre o teatro de Paris e Nova York, assinadas por Paulo Mendonça e Augusto Boal, sempre dentro do mesmo critério de informações objetivas, de inteligência sem pedantismo. Quanto à parte de noticiário, é de se esperar que aumente nos próximos números, apresentando um panorama realmente completo de tudo que ocorre no País e no estrangeiro.

"Teatro Brasileiro" pretende publicar em cada número uma peça completa. "Antígona", de Sófocles, na versão de Guilherme de Almeida, foi a primeira a ser escolhida, numa iniciativa de grande alcance cultural dada a carencia de textos clássicos teatrais em língua portuguesa. A "transcrição" de Guilherme de Almeida — assim ele a classifica — ganha com a releitura, comparando-se apenas à tradução de "Maria Stuart", publicada recentemente por Manuel Bandeira. É curioso notar que a carreira de ambos os poetas apresentam certas similaridades tendo vivido intensamente a experiência poética moderna, exprimindo o gosto estético mais atual, todos os dois fizeram a sua aprendizagem, entretanto, na métrica clássica, dominando com igual perfeição os ritmos regulares e os irregulares. Além disso, ambos são grandes artesãos da língua: no sentido restrito, de conhecimento gramatical, e também no sentido amplo e artístico, de identificação profunda com o espírito da língua portuguesa. São capazes, inclusive, dessa suprema forma de maestria vocabular e sintática que é o "pastiche", de escrever versos no estilo do século que se deseja. Quer isto dizer que as duas traduções são obras perfeitas de artesanato, mas de um artesanato vivificado por um alto senso poético. Está claro, todavia, que tais semelhanças são criaturas e circunstanciais porque cada poeta conserva a sua personalidade: Manuel Bandeira parece-nos antes clássico, pela sintaxe, pelo vocabulário, por um certo requinte na simplicidade, ao passo que Guilherme de Almeida empresta ao verso greco uma eloquência, uma amplitude senora, sempre de gosto impecável, em que não podemos deixar de reconhecer a lição poética do parnasianismo brasileiro.

Sob o aspecto gráfico, "Teatro Brasileiro" evidencia o mesmo cuidado, o mesmo metódico "planejamento", apresentando-se cheio de soluções originais e felizes. Uma única crítica fariamos: parece-nos que a preocupação estética e estelizante afirma-se, às vezes, à custa do conteúdo especificamente teatral. Assim acontece, por exemplo, com as fotografias que acompanham o texto de "Antígona". De Paulo Autran, só vemos praticamente os olhos. De Nidia Nícia, o perfil, esboçado em branco e preto. De Ziembinski, a mão levantada e a mancha de sombra que se projeta sobre o rosto. As três fotografias têm valor artístico próprio mas pouco dizem sobre o que foi a interpretação, nada revelando sobre o espetáculo. Desse ponto de vista, as fotografias, mais convencionais, de "Esperando Godot" têm outro valor expressivo, recriando uma imagem, complementar ao texto de crítica, do que é a peça e de quais foram as linhas mestras da encenação. Ora é este ponto que interessa aos leitores de uma revista de teatro — e não de fotografia, nem de artes gráficas. Parece-nos indispensável a visão de conjunto, as fotografias que mostram o palco, o cenário, apanhando os atores em movimento, em plena ação dramática. Com o risco de invadir terreno que não é nosso, arriscamos ainda mais, afirmando que, mesmo com pura arte fotográfica, o "truque", o achado, tem valor muito limitado: sabemos isto em relação ao teatro, em que as direções engenhosas, brilhantes, raramente são as

mais sólidas — e não há nenhuma razão para supor que a fotografia escape a esta lei estética geral.

"Teatro Brasileiro" é apresentado e dirigido por Alfredo Mesquita, a quem já devíamos a fundação do primeiro grupo amador paulista, germe de todos os outros (como do nosso próprio teatro profissional) e a criação da Escola de Arte Dramática.